



Fábrica
das Artes



PROGRAMA *MISSÃO: DEMOCRACIA* ABRIL A JULHO 2026



**ARTES
PERFORMATIVAS**

CONVERSA DE CURADORA PARA CURADORA

Dora Batalim SottoMayor e Madalena Wallenstein **04**

CONCERTO MULTIDISCIPLINAR

O Coro – Missão: Democracia

Beatriz Pessoa

23 A 26 ABR

ESTREIA

12

OFICINA

Preparação d’O Coro –
Missão: Democracia

Gui Calegari

25 E 26 ABR

13

12 LETRAS, 12 CANÇÕES

15

DEBATES NOS JARDINS

Cidade Cultural Participativa

Aléxis Trindade

Catarina Oliveira

Dina Mendonça

Dori Nigro

Elisabete Paiva

Tomás Magalhães Carneiro

25 ABR

22

TEATRO + CONVERSA

Constituição

Isabel costa

24 A 31 MAI

ESTREIA

26

OFICINA EM CONTINUIDADE

*Missão: literacia democrática
e literária nas escolas*

Dora Batalim SottoMayor

Sara Ludovico

9, 16 E 23 MAI

24

OFICINA EM CONTINUIDADE ARTES NAS FÉRIAS DO VERÃO

E se fôssemos a votos?

Rachel Caiano

Clara Bevilaqua

Nuno Cintrão

José Leite

6 A 10 JUL

29

BIOGRAFIAS

32

Projeto criado no âmbito da parceria entre o
CCB/Fábrica das Artes e a Assembleia da República

PROGRAMA *MISSÃO: DEMOCRACIA*

Uma missão é uma tarefa especial que se confia a pessoas também elas especiais.

Para fortalecer ainda mais a democracia e a liberdade, o Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes transforma os 12 livros e temas da coleção *Missão: Democracia*, das Edições Assembleia da República, numa programação em artes performativas com novos desafios de participação lançados a cidadãos e cidadãs por vários artistas.

Em parceria com a **Assembleia da República**.



12 livros da Coleção *Missão: Democracia* © Marisa Lourenço/CCB

CONVERSA DE CURADORA PARA CURADORA

Dora Batalim SottoMayor

Curadora da coleção de livros infantojuvenis da Assembleia da República *Missão: Democracia*

Madalena Wallenstein

Coordenadora/Programadora da Fábrica das Artes

Dora Batalim SottoMayor [DB]: Olá, Madalena. Que bom estarmos aqui juntas à volta deste tema da *Missão: Democracia*. É um tema tão premente no mundo inteiro e no nosso — da criação artística e literária, da sociedade e da educação. Pergunto-te: como é que surgiu esta parceria para três anos?

Madalena Wallenstein [MW]: Bom, este programa nasce de um desafio lançado pela equipa de Edições da Assembleia da República para que me debruçasse sobre a coleção *Missão: Democracia* e ponderasse a possibilidade de a Fábrica das Artes abrir espaços na sua programação para a explorar. O desafio foi que olhasse para ela com olhos de programadora. Naturalmente, tive algum tempo a estudá-la. Para mim, o desafio fez muito sentido dentro daquilo que tem sido o trabalho da Fábrica das Artes ao longo dos anos: um trabalho de uma programação curatorial e educativa

para jovens públicos. A Fábrica das Artes foi construindo uma identidade muito clara sobre a programação como um espaço para novas criações e de educação estética e artística, mas também como um espaço de participação e formação democrática e política. Isto implica escutar o mundo, os artistas, os jovens. A programação propõe-se a trazer temas humanistas, pungentes, emergentes, fortes, urgentes. Propõe-se a pensar o lugar do próprio teatro como uma moldura para pensar o mundo e como lugar de encontro, de debate e de partilha do sensível. Aqui, os mais novos têm a oportunidade de se poder confrontar com arte contemporânea enquanto espectadores — e não enquanto alunos... É um papel muito diferente.

Depois de um período longo de debate com a Assembleia da República, chegámos ao consenso de que — sendo a Fábrica das Artes um projeto de criação artística em artes performativas contemporâneas para jovens públicos e com uma forte articulação entre a dimensão artística e a de mediação e participação dos públicos — faria sentido que os livros da coleção fossem oferecidos pela programação como inspiração e estímulo, tanto para novas criações, como para o programa de mediação e participação que integra várias escolas com que trabalhamos em continuidade.

[DB]: De que forma o diálogo aberto nesta colaboração influenciou a curadoria do projeto?

[MW]: Uma vez que estamos aqui as duas a conversar a partir desta figura de «curadoras», parece importante dizer o seguinte: a palavra curadoria, normalmente associada às artes visuais, que significa cuidar, acolher, colocar, inscrever, tem-se vindo a instalar e a ser apropriada pelo campo que cruza espaços entre os artistas, a criação, os públicos e os leitores, a educação e os seus adultos. Então, quando se fala desta programação curatorial, significa que se assume, primeiro, esse cuidar, não só da relação de diálogo e de acolhimento com os criadores, mas também da programação na instituição e dos códigos de mediação. Procura ainda criar estruturas sólidas que permitam que todos os agentes possam trocar de papéis, de espectadores a criadores e vice-versa, e explorar novos espaços abertos por esse desenho curatorial.

Por tudo isto, Dora, para mim são muito interessantes estas ideias de «curadoria» e a função que tu ocupas na coleção *Missão: Democracia*. Mas, antes de mais, eu gostava de saber como é que nasce a ideia desta coleção e qual é a sua pertinência?

[DB]: Olha, fiquei deslumbrada com o convite que recebi da Assembleia da República, que, como já disseste, tem uma editora dentro dos seus múltiplos serviços. O convite por parte deste departamento veio com o desejo já expresso e claro de fazer uma coleção de 12 livros com temas que

estivessem relacionados com a democracia. Foi muito interessante para mim perceber que uma instituição como a Assembleia da República reconhece a necessidade de haver um consultor – um curador para uma linguagem que é muito específica, que é da literatura infantil – que trabalha com linguagens artísticas, como o texto, a imagem e o design. A Assembleia da República tinha, claro, os temas para estes 12 livros. Sabia-se que seria uma coleção que iria surgir no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de abril.

[MW] Então os temas já estavam definidos?

[DB]: Sim. Foram elencados pela Diretora Editorial e a coordenadora editorial desta coleção, a Teresa Paulo, sendo que a direção e a coordenação editorial foram feitas pela Sara Ludovico. Este grande projeto nasce de uma ideia muito clara do departamento editorial da Assembleia da República, que quis reforçar, não só a oferta da própria Assembleia, mas também a do mercado. Tinha sido feito um levantamento por estas duas pessoas sobre a oferta do mercado português de livros que apontassem na direção destes temas... e não existiam. Ou seja, o curioso aqui é ter havido um entendimento de que esta linguagem é uma linguagem específica, de que na literatura infantil não se trata de somar um texto de um escritor a uma ilustração do ilustrador e «já está»; de perceber que, tal como uma espécie de peça de teatro, há lugares invisíveis por detrás da criação que é apresentada e que vários agentes, de alguma maneira, cuidam do objeto.

Esta coleção, que tinha premissas implícitas e precisavam de ser cumpridas, precisava de ser também um catálogo que mostrasse criadores consagrados em Portugal no âmbito da literatura infantojuvenil, quer visual, quer escrita, como também nomes emergentes. E, nessa diversidade dos 12 livros, temos dois que foram feitos simultaneamente por um só autor. Todos os outros livros são criados por uma dupla de escritor/ilustrador. Havia também uma outra premissa de liberdade – a de liberdade à criação. Foi muito interessante participar neste processo e perceber o respeito por essa premissa na construção de cada um destes livros.

Havia uma equipa alargada com coordenadores editoriais, diretores editoriais, especialistas na matéria específica de cada um dos livros: os designers da própria Assembleia da República e a direção de design que foi feita pela editora Planeta Tangerina. Foi preciso entender que o design, como linguagem, parece invisível, mas é muito importante no suporte destes livros – sobretudo quando se trata de uma coleção e sendo uma tão heterogénea. Ou seja, em termos de criadores, como é que se integra a liberdade criativa – com as suas diferentes expressões – e como é que se vão aglutinar num objeto que seja reconhecido inteiramente como coleção? O design tem uma grande importância neste trabalho.

[MW]: Portanto, cada um dos livros foi muito trabalhado?

[DB]: Foram dois anos no total de produção da coleção e cada livro foi amplamente discutido, pensado e trabalhado democraticamente com toda a equipa, daí que resultam livros com uma diversidade tipológica muito grande: temos desde novelas gráficas a livros ilustrados e a livros-álbuns. Do ponto de vista da escrita, temos desde textos literários até textos mais explicativos ou informativos. Temos textos muito poéticos. Temos uma espécie de visita guiada, quase jornalística. Temos textos muito filosóficos, outros ligados à poesia e ainda outros ligados a uma espécie de «ping-pong» com o leitor.

Uma outra premissa da coleção foi a faixa etária. Pensou-se que poderiam ser para meninos muito pequeninos logo no início do primeiro ciclo, mas é aí também que entra a minha função, uma vez que trabalho com literatura infantil – mas nunca descontextualizada da área da educação e da educação artística. Não é que estes temas não possam ser lidos antes, mas definimos que a coleção seria direcionada para crianças a partir dos dez anos. Em todo o caso, eu acho que qualquer adulto tem muito prazer em lê-los e aprender com eles.

Em termos de liberdade artística, a coleção teve esse propósito e foi conseguido, uma vez que é bastante heterogénea, justamente porque os criadores são pessoas diferentes. São pessoas que pensam de maneira diferente e que criam de maneira diferente. Estamos a falar em escritores e ilustradores e, portanto, a coleção teve este desafio interessante: este constrangimento de criar uma unidade dentro de uma grande diversidade.

Isto lembra-me o paralelo com uma programação artística de uma curadora em artes performativas. Como é que foi para ti, na Fábrica das Artes, construir uma programação sobre a *Missão: Democracia* para três anos?

[MW]: Bom, começo pela premissa da liberdade artística. Numa instituição como o CCB – para onde, justamente, converge toda uma comunidade artística – há uma espécie de espaço sagrado que é o palco, que é o espaço de expressão, que é o espaço da criação dos artistas e que se alimenta de uma urgência vital, que só é livre quando eles se colocam no seu próprio discurso, nas suas próprias linguagens, na sua própria procura e na novidade que essa transporta. Isto é um bem inalienável porque a arte sem liberdade não é arte, deixa de ser arte, não é? Então, no contexto daquilo que é a programação para os jovens públicos, nós só podemos, portanto, seguir essa linha.

Relativamente à *Missão: Democracia* para três temporadas, foi inicialmente decidido que iríamos escolher alguns temas fundamentais e que poderia inclusivamente haver cruzamento de temas dos livros. Uma das premissas

foi encontrar, no diálogo com os artistas, formas de se ir construindo estas ligações. Para nós isso ficou muito claro desde o começo de que seria através de criações. Logo para este primeiro ano houve temas que, pelas datas comemorativas que implicavam, queríamos consagrar na programação, sabendo nós que esses espetáculos iriam ter diferentes formatos. Ou seja, podia ser um espetáculo de maior dimensão para um auditório com quase 300 pessoas ou podia ser um espetáculo para uma sala mais intimista com 50 pessoas. Portanto, a questão da escala das salas é muito importante, assim como a presença de outros formatos mais exploratórios e mais criativos da parte do público — sejam oficinas ou instalações ou residências artísticas nas escolas, debates, projetos participativos como embaixadores de comunicação, por exemplo.

[DB]: Como é que envolvereste os artistas neste processo?

[MW]: O primeiro desafio que lancei a uma cantora-compositora foi o seguinte: peguei na coleção inteira e entreguei-a à Beatriz Pessoa, propondo-lhe que compusesse canções a partir dos livros e dos seus temas, criando uma narrativa própria dentro do seu espetáculo. Enquanto programadora/curadora, foi importante também pensar em formatos que consagram a ideia de comunidade, de participação, de representação. E, no caso da Beatriz Pessoa, por exemplo, o espetáculo chama-se *O Coro – Missão: Democracia* porque tem essas cantigas originais e porque pretendia resgatar a ideia de cantiga de intervenção democrática. Por isso, por um lado, criei toda uma estrutura em que o público aprende antecipadamente a letra dessas cantigas, através de oficinas de preparação prévia, conduzidas pela Beatriz Pessoa e pelo artista-educador Gui Calegari. Isto permite que o público se aproprie deste reportório que é novinho em folha. Sendo canções originais, não estão, portanto, na memória coletiva. Criou-se condições para que ela se gerasse. Então, podemos dizer que da plateia canta o Coro, ou seja, o Povo. É uma plateia representativa ligada à ideia de comunidade de espectadores participativos e também com esta ligação à ideia da cantiga de intervenção.

Outro exemplo, é o espetáculo *Constituição*, de Isabel Costa, mais direcionado para adolescentes. Celebramos este ano os 50 anos da Constituição da República Portuguesa, a lei fundamental que nos constitui. Um documento que tem referências históricas muito respeitáveis, já que se tratou da mais bela das transições da ditadura para a democracia — e porque neste texto há idealismo, poesia e utopia. Há esperança na justiça, através de direitos e deveres, e formas de preservar a democracia que é de todos nós. Como diz a Isabel Costa no seu texto para o programa: «Essa ferramenta é a palavra, a linguagem, o discurso, a capacidade de falarmos sobre nós mesmos e sobre o que sentimos. E nisso talvez o teatro poderá ajudar.»

Estamos a fazer todo um trabalho preparatório nas escolas com artistas-mediadores a partir de dinâmicas que incrementam a apropriação da Constituição, de «literacia democrática» (expressão da Sara Ludovico) e da sua defesa num tempo em que não sabemos se será possível preservá-la. Embora tu digas que a coleção é para crianças a partir dos 10 anos, também existe a ideia de que estes temas podem ser reescritos através da envolvimento de adolescentes. A criação pode gerar novas camadas para um outro público, como irá fazer a Sara Barros Leitão, já em 2027, ou ir buscar temas à coleção que não estão explícitos, como por exemplo, o racismo, a imigração, as diversidades. Estes temas interessam muito aos artistas. Vou dar um exemplo: o livro da Catarina Sobral (*Lei*), que vai ser central na criação das Marionetas do Porto na programação de 2027, irá dialogar com o livro *Cidadania*.

[DB]: Podes falar-nos da oficina sobre eleições, *Artes nas Férias do Verão*, a realizar-se em julho?

[MW]: O tema das eleições livres é importantíssimo. O livro traz imensa informação sobre as próprias eleições. A coleção tem uma dimensão também informativa sobre como acontecem os processos democráticos. Isso é muito importante. Oferecemos a nossa rubrica regular da programação *Artes nas Férias do Verão*, trazendo a ilustradora do livro *E se fôssemos a votos?*, Rachel Caiano, à qual juntamos outros três artistas de artes performativas: um ator, o José Leite, uma artista e educadora da área da dança, a Clara Bevilaqua, e um artista e educador da área da música, o Nuno Cintrão. Vinte e cinco crianças, entre os seis e os dez anos, vão poder viajar durante uma semana num processo criativo que vai resultar ele próprio num outro objeto sobre eleições – que é o objeto deles e que será partilhado no último dia de oficina com os seus convidados.

[DB]: Por outro lado, o trabalho de mediação que a Fábrica das Artes desenvolve com escolas – alunos e professores de contextos muito diversos, desde o setor social ao ensino público em vários níveis – também é uma dimensão importante, certo?

[MW]: Sim. São grupos escolares que percorrem itinerários pela programação da Fábrica das Artes. Vão vendo espetáculos de diferentes linguagens. Cada grupo é acompanhado por um tutor-mediador, que trabalha em práticas artísticas à volta dos espetáculos, em momentos que antecedem ou precedem a experiência do mesmo.

[DB]: A coisa interessante no meio disto tudo é ver assim expandido aquilo que é a premissa da própria coleção, que era não tornar os livros meros instrumentos. No mundo em que estamos, muitas vezes, os objetos artísticos para a infância e juventude, são muito desprovidos de arte, não é?

[MW]: São muito intencionais e didáticos. Descuidam-se os processos artísticos e criativos.

[DB]: Portanto, a programação da Fábrica parece, assim, expandir aquilo que foi o cerne da coleção.

[MW]: No caso da *Missão: Democracia*, ter uma premissa informativa é uma obrigação porque sem conhecer, sem se saber, sem me informar, não há democracia.

[DB]: Não há, não há formação pessoal, não há a capacidade de me nutrir para poder entender, para poder decidir em consciência, mas, ao mesmo tempo, esse foi um passo interessante do entendimento das pessoas que dirigiam ou que dirigem o departamento das edições. Por outro lado, entenderam também que isto não poderia ser desprovido da linguagem artística. É importante dar espaço, tanto ao público direto, o infantojuvenil, como aos seus mediadores, que estão muito carenciados de instrumentos para oferecerem um chão. Um chão comum com as suas crianças e jovens para se poder viver e experimentar. Daí poder resultar um diálogo natural sobre o que são estes conceitos. Parece-me que a Fábrica ao longo destes três anos, também nesse vasto território do antes do depois, das crianças e dos jovens, dos mediadores, dos educadores, dos professores, das famílias, está a nutrir o campo de muitas maneiras e por muitos circuitos. Muitos destes temas normalmente aparecem nos currículos com uma dimensão estritamente informativa, histórica, seca e, portanto, estes três anos que a Fábrica dedica também me parecem ser um tempo justo para criar espaço e vida. Há um tempo, há um tempo de digerir e há um tempo de viver que eu acho que é pouco comum quando se pensam temas como este, não é? Às vezes parece que fica feito e, pronto, «já está»!

Estes meninos, estes jovens que vão receber estas canções, se calhar já não conhecem as canções de abril, já não conhecem as canções que as pessoas cantaram há 50 anos e, portanto, é quase uma espécie de criar uma nova memória comum, física, experiencial. Na verdade, é só a mesma memória e a sua continuação: para que ela não morra, para que ela se mantenha viva, para que ela seja um mundo que existe através da prática das canções.

[MW]: Mas é interessante que a Beatriz Pessoa também vai lá, ou seja, não só vai buscar referências diretas aos livros, como vai buscar as referências dos cantores de intervenção.

[DB]: Acho que isso é um trabalho muito interessante porque falta muitas vezes dar espaço às gerações novas para que tenham tempo e instalação de vida dentro deste estilo. Está tudo muito atonizado ou muito rápido ou muito colocado numa espécie de passado.

[MW]: E conta-me, Dora, a coleção *Missão: Democracia* tem tido projeção fora do país?

[DB]: Sim, tem tido muito reconhecimento e tem sido vendida para o estrangeiro. Alguns dos títulos têm sido premiados como o caso de *Dita Dor*, do António Jorge Gonçalves, que se foca claramente na ditadura portuguesa com factos, nomes e datas. Mesmo sendo factual, consegue ser conceptual e ir à ideia de ditadura; portanto, é aquela ideia de que a arte consegue tocar as pessoas a partir de uma história particular.

[MW]: Também já desafiámos o António Jorge Gonçalves para a programação.

[DB]: Acho que é um dos segredos que a coleção tem e que está a ser galvanizada por esta programação; é quase uma espécie de muitos outros livros que estão a sair dela. São vivências de muitas maneiras, sem gritar muito, mas sendo constantes. Por isso, temos uma grande diversidade e parece-me que é isso que a Fábrica consegue, uma grande experiência operática, como se fosse uma grande ópera em três anos — uma ópera no sentido em que é uma programação para a democracia, que não se foca apenas no espetáculo pois pretende que esse mesmo espetáculo seja um núcleo a partir do qual se podem desdobrar muitas coisas para além da experiência em si. Na cidadania, estamos todos juntos, todos, no eu, no outro, num conjunto humano que, por acaso, habita um espaço e um tempo comuns.

[MW]: Apetece citar o nosso Sérgio Godinho, não achas? «A democracia é o pior dos sistemas com a exceção de todos os outros».

[DB]: O Sérgio, neste sentido, é também uma boa metáfora deste programa de curadorias ou desta possibilidade de curadorias! Destas ligações. No fundo, estes três anos de programação, mais os dois anos da feitura da coleção e mais os outros anos em que ela já cá está... No fundo, é uma passagem de testemunho. Uma reinscrição. No fundo, é uma grande metáfora. Não só da democracia, como também do trabalho artístico para públicos, para infâncias e para os artistas, mediadores e educadores.

MARÇO DE 2026



© Assembleia da República, Ilustração de **Madalena Matoso, Sempre!**
(8.º volume da Coleção *Missão: Democracia*)

A MÚSICA É DEMOCRACIA, PALAVRA, CONVERSA, LIBERDADE

Beatriz Pessoa inspira-se na coleção de livros *Missão: Democracia* e nos seus temas para criar canções originais, explorando diferentes estilos e sonoridades musicais e mostrando como a música reflete diversas formas de pensar. No passado dia 12 de março de 2026, a artista apresentou numa oficina aberta a professores, educadores, artistas, mediadores, pais e curiosos, as letras e as músicas que irá agora partilhar em concerto.

Nos dias do concerto para o público geral (25 e 26 de abril), as canções serão, novamente, partilhadas com o público numa outra oficina, agora com **Gui Calegari**, criando, assim, no concerto ao vivo, um coro de cidadãos/espectadores. O próprio espetáculo transforma o teatro numa assembleia onde a música, os músicos e o público se relacionam musicalmente numa lógica democrática.

Todos se encontram nesta assembleia musical para decidir que, afinal, o melhor é continuar a ter um espaço para discutir ideias e ouvir os outros.

CONCERTO MULTIDISCIPLINAR ESTREIA

**O CORO – MISSÃO:
DEMOCRACIA**
BEATRIZ PESSOA
23 A 26 ABRIL

Pequeno Auditório
Qui e Sex, 11h – Escolas
Sáb, 19h – Público geral
Dom, 17h – Público geral

Público-alvo: +6
Classifica Etária: +6
Duração: 50 min

Voz, Composição e Criação **Beatriz Pessoa**
Baixo, Guitarra e Produção Musical **Gustavo Almeida**
Coprodução Musical **Beatriz Pessoa**
Teclados e Coros **Raquel Pimpão**
Bateria e Coros **João Lopes Pereira**
Saxofone **Tomás Marques**
Trombone **Rúben da Luz**
Técnico de Som **Guilherme Simões**
Produção **Cuca Monga**
Técnico de Luz **Miguel Grácio de Carvalho**
Animação **Raquel Reis**
Coro Alunos da **Cooperativa A Torre: Sara Neves, Luca Melo,
António Florindo e Carminho Araújo**

Projeto criado no âmbito da parceria entre o **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes** e a **Assembleia da República**

PRODUÇÃO



OFICINA DE PREPARAÇÃO

**PREPARAÇÃO D'O CORO –
MISSÃO: DEMOCRACIA**
GUI CALEGARI
25 E 26 ABRIL

Espaço Fábrica das Artes
Sáb, 17h30
Dom, 15h30

Público-alvo: Para crianças, jovens, professores, educadores, artistas, mediadores, pais e curiosos
Duração: 90 min
Lotação máxima: 35 pessoas

Entrada livre para portadores de bilhete para o concerto. Inscrição prévia através do e-mail da Fábrica das Artes: fabricadasartes@ccb.pt ou do contacto telefónico (+351) 21 361 28 99 / (+351) 21 361 26 27 (chamada para a rede fixa nacional)

O CORO - MISSÃO: DEMOCRACIA

Um concerto, uma banda em forma de assembleia e um público em forma de coro. Esta é a nossa proposta para um espectáculo diferente, no qual vos convidamos a ser voz, a fazer perguntas e a viver numa comunidade onde nos escutam mutuamente.

Este concerto é o culminar de um trabalho criativo de composição de 12 canções inspiradas na colecção de livros *Missão: Democracia*, que explicam o que é isto de vivermos em comunidade e como funciona um país democrático. Tentei que cada canção tivesse um universo de referências diferentes e que passassem por diferentes estilos, épocas e até mesmo dialectos. Como se esta música fosse um espelho do que já caminhámos, do presente e de um possível futuro.

Em palco, estão connosco quatro crianças, a Sara, a Carminho, o António e o Luca; juntos, fazemos esta ponte entre o palco e o público num convite sincero de partilha em que encorajamos a voz de cada um para fazer parte deste todo. Um espectáculo em forma de bairro, de sociedade, de mundo!

Refrões para repetir, para dançar, momentos para reflectir e muita música! Venham participar nesta festa da Democracia e cantar bem alto que a queremos por perto, SEMPRE!

Beatriz Pessoa

(A autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico.)

Pormenor retirado da ilustração de **Madalena Matoso, Sempre!**
(8.º volume da Coleção *Missão: Democracia*) © Assembleia da República



12 LETRAS

12 CANÇÕES

Letras e Música: **Beatriz Pessoa**

1. FAZ PERGUNTAS

Faz faz faz faz faz

Faz perguntas faz, faz faz

Faz perguntas faz faz faz

Faz, faz faz

Faz perguntas faz

Pré-gente, Pré-conceito

Pé atado, a mão tem jeito

Próprio pé ou pé direito

Temos pódio pró primeiro

Pisa a linha, participa

Pensa em democracia

Passa tempo, investiga

Pica o ponto, parte a jaula

Põe a pausa na preguiça

Pede ajuda, faz o palco

Faz, faz, faz

Faz perguntas faz, faz faz

Pára, pára pá pá [x2]

Pica o ponto, parte a jaula

Põe a pausa na preguiça

Pede ajuda, faz o palco

Faz, faz, faz

Plano cheio pela paz

Paz de quem é a pergunta

Pólo marco ou direcção

Pega sempre na cultura

Plano B, preparação

Pensa com o coração e faz, faz

Faz perguntas, faz, faz faz

Faz perguntas, faz, faz faz

Faz perguntas faz, faz faz

Faz perguntas faz

2. SER LIVRE OU NÃO SER

Eu sei lá, se sei porquê

Se sei dizer o que eu sinto

Quero ser, algo melhor

Algo que é meu e não é simples

Aprender sobre os outros

Sobre as regras, sobre o amor

A cidade é para todos

E todos somos deveres e valores

Ser livre ou não ser

É poder dizer

O que eu não sei

O que quero saber

Ser livre ou não ser

É uma questão

Que para fazer

Livre tenho que ser

Eu sei lá

O que vou fazer

Quem vou defender,

Se vou viajar

Espero ter amigos e festas

Passeios, florestas

Tempo pra sonhar

Aprender sobre os outros

Sobre as regras, sobre o amor

A cidade é para todos

E todos somos deveres e valores

Ser livre ou não ser

É poder dizer

O que eu não sei

O que quero saber

Ser livre ou não ser

É uma questão

Que para fazer

Livre tenho que ser

3. **FACTOS SÃO FACTOS**

Factos são factos

Factos não são opiniões

A terra é redonda

E para já, só temos 4 estações

Factos são factos

Não te fies em percepções

Os pais também choram

Existem em nós tantas emoções

Mas alguém mentiu um dia

Foi preguiça que lhe deu

E por isso ainda hoje

Discutimos o que é óbvio porque

Factos são factos

Factos são factos

Há que estudar e aprender

O amor não é quadrado

Mesmo que te custe a entender

Factos são factos

(Factos, factos)

Tens direitos e deveres

(Factos, deveres)

Somos carne e osso

(Factos são factos)

E vamos todos morrer

Mas alguém mentiu um dia

(Factos, factos, são factos factos)

Foi um medo que lhe deu

(Factos, factos, não são opiniões)

E por isso ainda hoje

(Factos, factos, são factos, factos)

Discutimos o que é óbvio porque

(Factos, factos, factos, factos)

Factos são factos

(Factos, factos)

O triste, o contente e o choné

(Factos, são factos)

Factos são factos

(Factos são factos)

Os pés às vezes cheiram a chulé

(Factos são factos)

Factos são factos

(Factos factos)

Todos precisamos de comer

(Factos são factos)

Factos são factos

(Factos são factos)

(Factos factos)

Há ossos duros de roer

(Factos, factos, factos são factos)

Factos são factos

(Factos são factos)

Fazemos mais praia no Verão

(Factos, factos, factos são factos)

Factos são factos

(Factos são factos)

Se está vermelho, aperta no travão

(Factos, factos, factos são factos)

Factos são factos

4. **CONTA CONTA CONTA**

Hoje ao jantar

Não me esqueço de perguntar

Antes de nós

Houve um antes a recordar

Conta de ti o passado vai ensinar

Conta conta

Conta conta

Foste a escola desde quando

(Conta conta)

Onde aprendeste a ler
(Conta conta)
Tinhas bonecas de pano
(Conta conta)
Tinhas sempre o que comer
(Conta conta)

Lembraste de não seres livre?
(Conta conta)
Lembraste de medo ter?
(Conta conta)
O que diziam quando
era para adormecer?
(Conta conta)

Conta conta conta
Do antes deste agora
Sonha sonha sonha
Com uma nova aurora

Conta conta conta
Do antes deste agora
Sonha sonha sonha
Com uma nova hora

Conta conta conta
Conta conta conta
Conta conta conta
Conta conta conta

**Hoje ao jantar não me esqueço,
de perguntar [x4]**

Conta conta conta
Do antes deste agora
Sonha sonha sonha
Com uma nova aurora

Conta conta conta
Do antes deste agora
Sonha sonha sonha
Com uma nova hora

5. NÃO, NUNCA

Não e não podes contestar
Não é não, sem explicação
Não, nem comeces a começar

Não, no escuro
Não, com medo
Não seguro, não, não, não

Não, é regra
Nem te escuto
Não, não p'ra gente é não, não, não
(Não não não)

Silêncio por fora
(Não não não)
Por dentro segredo
(Não não não)
Escondidos em casa
(Não não não)

Com medo do medo
(Não não não)
Não peças, não leias
(Não não não)
Não sonhes com mais
(Não não não)
Risca tudo o que tenhas
que seja demais
(Não não não)
(Não não não)

Avisa do amigo que queira sair
(Não não não)
Dá com os dentes na porta
(Não não não)
A liberdade está morta
(Não não não)
A primavera acabou
(Não não não)

(Não não não) [x13]

Não não não não
Sim sim sim sim

**A mudança somos nós,
a mudança está em nós**

6. CANDIDATOS

O candidato A é alto
Atento, anti-assimetrias
e posiciona-se no centro
Aberto a discussão
Não abdica da alteração de haver H
em há pouco tempo

A candidata B
Burocrata por paixão, propõe bingo
no acesso à educação
É contra o boicote, proibiu o chicote
Porém aceita pagamentos ilegais
e abstém-se dos temas gerais
Aqueles que dão poder
aos menos principais

O candidato C
É capitalista, capitão de capitães
surrealistas
Cuidava de cargos gigantes
e aos menos importantes
Mandava calar
Cuidado (shiu)

A candidata E
Está muito empolgada
em êxodos rurais
Onde podemos ser fulcrais
Quer emoldurar o ambiente
e cuidar do presente
Então eu votei E por talvez não haver
mais... Diferente

**Tu podes ser candidato
Alfabeto completo, sem medo
do tecto que a ignorância dá
Tu podes ser candidato
Encontrar no abstracto
Uma forma concreta
de fazer melhor**

O candidato F
É fo****

A candidato G
Ganhou prémios internacionais
Sabe de tudo um pouco
e pouco mais
Garante melhorias, a ver vamos

O candidato H
Chegou atrasado à hora certa
Hábil em discussões sensatas,
Ainda não falhou nenhum mandato
E conhece bem a história
Desta vez votei H, espero estar certa

**Olha para esquerda
(Pra esquerda, direita)
Olha para a direita
(Pra esquerda, direita)
Mantém a mente aberta
(Pra esquerda, direita)
Não há cultura certa
(Esquerda, direita)**

**Olha para esquerda
(Pra esquerda, direita)
Olha para a direita
(Pra esquerda, direita)
Mantém a mente aberta
(Pra esquerda, direita)
Não há cultura certa
(Esquerda, direita)**

Os candidatos debatem hoje
Na TV nacional
No horário principal
Falam alto, atropelam-se
Ignoram quem os escuta...
revelam-se
Que tristeza ver adultos assim
E ainda se zangam
quando fazemos chinfrim
Ai que disparate
e que perda de tempo
Não se comportem assim
no parlamento
Tu podes ser candidato

Alfabeto completo, sem medo
do tecto que a ignorância dá
Tu podes ser candidato
Encontrar no abstracto
Uma forma concreta de fazer.

7. TEMPO TEU

(Coro faz estalo de boca no tempo da canção.)

O tempo passa e tu não podes parar
Demora tempo até o tempo chegar
Fazer a escolha envolve tempo
também
Um tempo teu que dás a outro
alguém

Votar é tempo gasto pra crescer
Crescer com tempo é razão de viver
Viver a tempo pra tentar mudar
O vota muda a forma de pensar

O tempo leva leve com o vento
Dentro da cabeça sinto o tempo

Que atrapalha mas que é bom de ter
Que me guia até entardecer

Que me cresce e que te faz nascer
Que acontece e vai acontecer

É no voto está a decisão
Para um tempo que é do cidadão
Vota e pede a todos pra votar
O tempo passa e tu não podes parar
O tempo passa e tu não podes parar

8. DIA DE REFLEXÃO

Instrumental

9. FADO DAS ELEIÇÕES

Silêncio que se vai cantar o fado
E vamos de eleições
Ele há de todos os tipos
Os tipos vão a votos
Votemos com caprichos
Temos a legislativa
E a presidencial
Há anos de autárquicas
aqui em Portugal

Eleições de 4 em 4
8 em 8 e 2 em 2
Às vezes até menos
Porque eles são só *boys*

Quase nunca são mulheres e
pergunto-me porquê
Ele há tanto mistério
Aqui há tanto clichê

Eleições são coisa boa
É direito e é dever
São a base do que é a regra,
e o povo há-de escolher
Eleições são coisa boa
É direito e é dever
São a base do que é a regra,
e o povo há-de escolher

Escolhe a mãe, escolhe o pai
Vão todos de camionete
Vota a tia e o avô
Depois vão comer esparguete

Votam cedo, votam tarde
Até às 19h é pra votar
Amigos dá pra votar antes
se a data não funcionar

É o voto antecipado,
voto em mobilidade
Podes votar do estrangeiro
se for a tua vontade

Eleições são coisa boa
Coisa fundamental
Eu fico sempre comovida
Porque votar é especial!

10. CANÇÃO DA EUROPA

Vai de viagem
Vai de avião
Sai da portela (a única opção!)

Pega na mala
Bagagem de mão
Rumo à Europa,
Eu só preciso de um cartão
Sou Cidadão desta união (Europa!)

Vou para Madrid
Visitar o Vicente
Trabalha lá
Ensina tanta gente
Shu shubi shubidu bidu [x 3]

Ele e a Ana,
Fazem um casal
Ela é da Espanha, ele de Portugal

Sigo em frente
Shu shubi shubidu bidu [x3]

Vou para França
Je parle un petit peu,
Mas calma senão cansa
Vou visitar *la belle Céline,*
Ela é chique
E usa Gabardine

On aime la même chanson
Cantem conosco
Lalalala [x4]

A seguir
Vou de Erasmus
Vou de comboio para tantos lados
Uso o euro
Em quase toda a parte

No UK já não dá,
e por lá eles dizem **fart**

Temos bilhetes para um *show* brutal
Está cá em *tour* uma banda
sensacional
São de Dublin e tocam tão *good*
Let's sing along 'cause it's fun
and I think you should

Lalalala [x8]

Última paragem já tenho saudades
Mas em Lisboa, certamente há
novidades
Quero muito viajar outra vez
Podes quando? **Já no próximo mês!**

Lalalala [x12]

11. FUFUFUTURO

Cresce cresce
E aparece
Com vontade de crescer mais

Mexe Mexe
Conhece o mundo
Que o mundo é pra partilhar

Desce desce
Sai da rotina
Com vontade de dançar mais

Stress stress
Depois *relax*
Que não é só para trabalhar

FUFUFUFUTURO
Quero saber com o que posso
ou não contar
Futuro
O clima é frágil, tem cuidado
pra não estragar

Clash Clash
De opinião
Empatiza e pesquisa mais

Fresh Fresh

É pensar fresco
Sem deixar a história para trás

Fufufufuturo

Um plano a prazo com vontade
de explodir

Futuro

Eu poupo em metas e concentro
tudo no rir

Futuro

FU - TU -RO [x5]

Futuro

FUFUFUFUTURO

Quero saber com o que posso
ou não contar

Futuro

O clima é frágil, tem cuidado
pra não estragar

Fufufufuturo

Um plano a prazo com vontade
de explodir

Futuro

Eu poupo em metas e concentro
tudo no rir

Futuro

12. SEMPRE

Vi lá fora
Esperança
Vai que alguém se levanta
Foi no dia 25, foi a celeste
que me deu a flor

Vi cá dentro
Esperança
Vai que agora não cansa
Foi por ti, foi por ela
A Liberdade já vejo à janela

Desce a avenida
Amigos todos juntos a cantar

Mão com mão
Cravo no cabelo
Peito de novelo
Na boca o coração

Mão com mão
Cravo no cabelo
Peito de novelo
Abril no coração

Vi que o povo unido
Faz o trono tremer
Faz o pão e a saúde, faz com que
juntos, possamos crescer

Vi nas mãos
Os caminhos
Vi na força, abraços
Foi depois de um sonho lindo
A liberdade vem lá e sorrindo

Desço a avenida
Amigos todos juntos a cantar

Mão com mão
Cravo no cabelo
Peito de novelo
Na boca o coração

Mão com mão
Cravo no cabelo
Peito de novelo
Abril no coração



© Assembleia da República, Ilustração de **Madalena Matoso, Sempre!**
(8.º volume da Coleção *Missão: Democracia*)

DEBATES NOS JARDINS

CIDADE CULTURAL PARTICIPATIVA

ALÉXIS TRINDADE

CATARINA OLIVEIRA

DINA MENDONÇA

DORI NIGRO

ELISABETE PAIVA

TOMÁS MAGALHÃES CARNEIRO

25 ABRIL

Jardins do CCB

Entrada Livre

Sáb, 11h

Público-alvo: Para todos a partir dos 6 anos

Duração: 120 min

Projeto criado no âmbito da parceria entre o **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes** e a **Assembleia da República**

UMA MELHOR DEMOCRACIA CULTURAL

Convidamos profissionais da cultura e da filosofia democrática para mediar conversas-debates informais sobre propostas para uma melhor democracia cultural.

PROGRAMA

10h50

Ponto de encontro para o público geral: junto à entrada da bilheteira dos auditórios do Centro Cultural de Belém.

11h – Jardim das Oliveiras

Mesa *Direitos Culturais?*

Com **Elisabete Paiva** (Programadora Cultural) e

Aléxis Trindade (Facilitador de filosofia para crianças)

11h – Jardim do Grande Hall do MAC/CCB – Museu de Arte Contemporânea e Centro de Arquitetura

Mesa *A Acessibilidade é uma rampa?*

Com **Catarina Oliveira** (Acessibilidades) e

Dina Mendonça (Facilitadora de filosofia para crianças)

11h – Jardim/Terraço Sala Jorge de Sena

Mesa *Artes, Mediação e Participação: que pontes há entre nós?*

Com **Dori Nigro** (Criador, mediador e arte-educador) e

Tomás Magalhães Carneiro (Facilitador de filosofia para crianças)

12h30 – Jardim das Oliveiras

Apresentação dos resultados dos debates das três mesas com todos os intervenientes convidados e público presente.

13h

Para prolongar este momento de encontro, sugerimos que traga um piquenique consigo.





©Assembleia da República, Ilustração de **Bernardo P. Carvalho**, *A melhor amiga da Menina República* (1.º volume da Coleção *Missão: Democracia*)

OFICINA EM CONTINUIDADE

MISSÃO: LITERACIA DEMOCRÁTICA E LITERÁRIA NAS ESCOLAS

DORA BATALIM SOTTOMAYOR

SARA LUDOVICO

9, 16 E 23 MAIO

Espaço Fábrica das Artes

Sáb, 10h às 13h

Público-alvo: Para professores, educadores,
artistas, mediadores, pais e curiosos

Duração: 9h

Lotação máxima: 25 pessoas

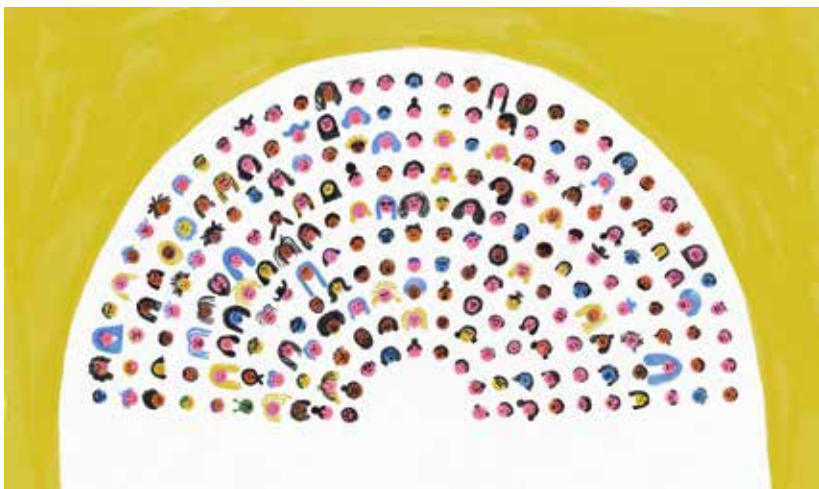
Projeto criado no âmbito da parceria entre o **Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes** e a **Assembleia da República**

O projeto editorial da coleção *Missão: Democracia*, da Assembleia da República, composto por 12 temas, põe à disposição dos cidadãos mais novas publicações atuais e graficamente atrativas; são uma espécie de percurso através de conceitos essenciais que, hoje, importa sedimentar nas crianças e nos jovens.

As escolas, enquanto parte da rede educativa da nossa sociedade, são geradores privilegiados de democracia em si mesmas, através da educação para a cidadania esclarecida e das várias formas de participação e inclusão que o universo escolar propicia.

Partindo do elo entre a educação para as artes e a qualidade da democracia, nesta oficina queremos pensar em conjunto sobre a forma como estes livros permitem reforçar o desejo de participar na vida democrática e sublinhar a consciência cívica da comunidade educativa.

Conceção e Realização
Dora Batalim SottoMayor
Sara Ludovico



©Assembleia da República, Ilustração de **Mantraste**, *Voltas e Reviravoltas*
(2.º volume da Coleção *Missão: Democracia*)

TEATRO + CONVERSA ESTREIA

CONSTITUIÇÃO

ISABEL COSTA

24 A 31 MAIO

Espaço Fábrica das Artes
Ter a Sex, 11h e 14h – Escolas
Sáb e Dom, 16h – Público geral

Público-alvo: +10

Classifica Etária: +12

Duração: 60 min + Conversa

Texto e Encenação **Isabel Costa**

Apoio à Residência de Criação

Anna Leppänen

Interpretação **Isabel Costa,**

Miguel Nicolau e Vasco Barroso

Cenografia **Joana Subtil**

Figurinos **Nádia Henriques**

Composição Musical e

Desenho de Som **Miguel Nicolau**

Desenho de Luz **Ângela Bismarck**

Fotografias Promocionais **Ana Viotti**

Coprodução **CCB/Fábrica das Artes**

Apoio **Fundo Cultural da Sociedade**

Portuguesa de Autores

Apoio à Investigação **Tribunal**

Constitucional

Apoio às Fotografias Promocionais

Instituto Português do Mar

e da Atmosfera

Projeto criado no âmbito da parceria
entre o **Centro Cultural de Belém/
Fábrica das Artes** e a **Assembleia da
República**



O QUE NOS CONSTITUI ENQUANTO PAÍS? E ENQUANTO SERES HUMANOS?

Constituição fala-nos sobre como nos organizamos enquanto sociedade e como essa organização alimenta a história pessoal de cada um de nós. Através de um dispositivo que lembra uma assembleia, dois intérpretes e um músico intercalam a recriação de momentos históricos com a vida diária de três jovens, percorrendo os tempos conturbados do final do Estado Novo e da afirmação da jovem democracia. Entre o pessoal e o político, entre a palavra institucional e a emoção, *Constituição* convida o espectador a viajar no tempo para pensar o presente. Este é um espetáculo pensado para adolescentes a partir dos 12 anos e público em geral.

CONSTITUIÇÃO

Constituição surgiu de um convite do CCB - Fábrica das Artes para a criação de um espetáculo que celebrasse os cinquenta anos da Constituição da República Portuguesa. Este espetáculo integra a programação desenhada por Madalena Wallenstein, *Missão: Democracia*, em conjunto com a Assembleia da República.

A nós, coube-nos a missão de pensar um espetáculo para a adolescência. O meu ponto de partida foi pensar em que jovens fizeram a democracia e quais contribuíram para a escrita deste documento que nos guia até hoje. Nesta descoberta deparei-me com a minha história pessoal. Ao pesquisar sobre a primeira geração de estudantes que atravessa a nossa passagem para a democracia, encontrei o meu pai, que começa a estudar em Coimbra em 1969.

Esta doce coincidência fez-me pensar na palavra «constituição» de forma mais ampla, lembrando o texto que nos constitui enquanto país, mas também no que nos constitui enquanto pessoas e nas nossas narrativas pessoais, e como, no fundo, são sempre consequência da nossa história colectiva. De que subjectividades e pluralidades somos feitos? Como se constitui um país? E as suas pessoas?

É precisamente em 1969 que começa o nosso espetáculo. Seguimos a história de um jovem que desce a escadaria monumental da universidade em direcção à Praça da República, e que pela primeira vez se sente

acompanhado no meio da multidão. Ao fundo, o rio. A esperança de que é possível transformar a consciência dos que ali chegam todos os anos. Acompanhamos também os seus companheiros. As suas dúvidas, as suas paixões e a sua consciência política que cresce a cada dia.

É no entusiasmo destes jovens que depositamos o nosso espectáculo. Não apenas nos que estão em palco, mas também nos que vemos na plateia. Não fossem as perguntas o seu sistema respiratório. De cada vez que respiram, o mundo entra e consegue expandir cada pergunta, para depois sair uma resposta que é outra pergunta. É assim que constroem o seu mundo, o interrogam, o compreendem.

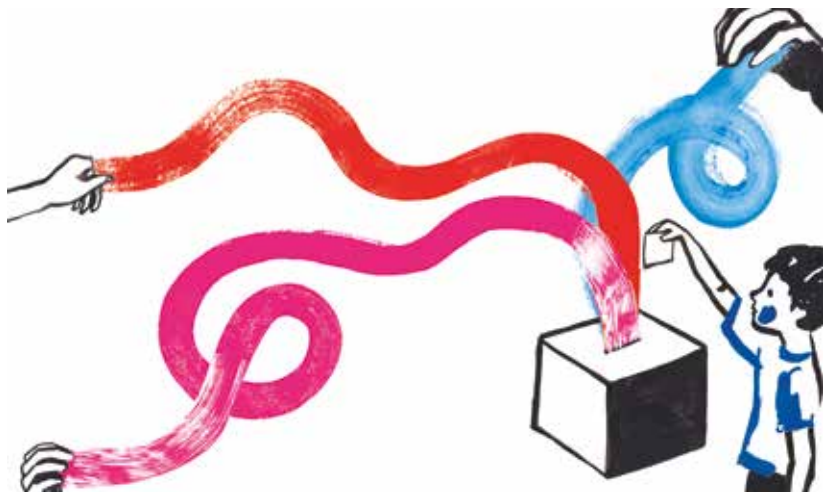
Este espectáculo é uma tentativa de fazer perguntas. E se os governos e sistemas de poder visarem precisamente deformar a nossa capacidade de imaginar o presente? E se acreditarmos que podemos mudar alguma coisa? Para o fazer, precisamos de mudar de perspectiva. Usar uma ferramenta que é nossa e que está a ser vandalizada diante dos nossos olhos. Essa ferramenta é a palavra, a linguagem, o discurso, a capacidade de falarmos sobre nós mesmos e sobre o que sentimos. E nisso talvez o teatro poderá ajudar.

Este espectáculo é construído no mesmo momento em que vemos cada vez mais acentuada uma ameaça à nossa Constituição e também à nossa democracia. Por isso, o espectáculo é, para nós, um manifesto de esperança.

Gostamos de acreditar que, de cada vez que um espectáculo acontece, há uma oportunidade para começar de novo. Há a possibilidade de começar algo em conjunto, com a assembleia humana que naquele dia se juntou.

Isabel Costa

(A autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



© Assembleia da República, Ilustração de **Rachel Caiano**, **E se fôssemos a votos?**
(5.º volume da coleção *Missão: Democracia*)

OFICINA EM CONTINUIDADE ARTES NAS FÉRIAS DO VERÃO

E SE FÔSSEMOS A VOTOS?

RACHEL CAIANO
CLARA BEVILAQUA
NUNO CINTRÃO
JOSÉ LEITE

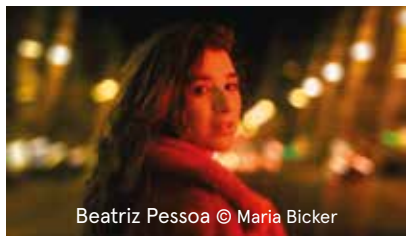
6 A 10 JULHO

Espaço Fábrica das Artes
Seg a Sex, 10h às 17h
(acolhimento a partir das 9h30)

Público-alvo: dos 6 aos 10 anos
Lotação máxima: 25 pessoas

A democracia é o melhor dos mundos. Sempre que vamos a votos, ganha a liberdade e a democracia. Pela mão da ilustradora Rachel, mergulhamos com o músico Nuno, com o ator Zé e com a bailarina Clara, no seu livro *E se fôssemos a votos?*, da coleção *Missão: Democracia*. As vezes afinadas por esta Missão vão ser fortes e diversas e, por isso, acabaremos esta semana numa grande festa.

Projeto criado no âmbito da parceria entre o **Centro Cultural de Belém/ Fábrica das Artes** e a **Assembleia da República**



Beatriz Pessoa © Maria Bicker



Rúben da Luz © Anabela Carreira



Tomás Marques © Simão Pernas



João Pereira © Vera Marmelo



Gustavo Almeida © Lucas Coelho



Raquel Pimpao © Inês Condeço



Gui Calegari © Clara Bevilaqua



Aléxis Trindade © DR



Dina Mendonça © DR



Elisabete Paiva © DR



Dora Batalim SottoMayor © DR



Sara Ludovico Carneiro © DR



Isabel Costa © António Ignês



Miguel Nicolau © Anna Bobyeva



Vasco Barroso © Joana Pialgata



Clara Bevilaqua © DR



José Leite © António Ignês



Nuno CINTRÃO © Humberto Araújo



Rachel Caiano © DR

BEATRIZ PESSOA

Espontaneidade e uma leve excentricidade são características intrínsecas da sonoridade de Beatriz Pessoa. Com letras divertidas que ficam coladas ao nosso ouvido e a mistura entre o pop e o jazz, vertente musical em que se formou, Beatriz Pessoa traz uma lufada de ar fresco para o panorama da música nacional. Aos 20 anos, lança o seu primeiro EP, *Insects*, seguido de *II*, onde mostra a sua potencialidade enquanto artista versátil e sem medo de explorar o desconhecido. Em 2020, lança *Primaveras*, o seu primeiro LP, atravessando o Atlântico para fomentar as suas ligações com a música brasileira, a bossa nova e a MPB. Os grandes palcos do país já lhe são familiares: NOS ALIVE, EDP CoolJazz e MEO Marés Vivas são apenas alguns onde atuou. Em 2023, lança *Prazer Prazer*, um álbum produzido por Marcelo Camelo, músico, compositor e orquestrador, cuja obra discográfica foi bem recebida pela imprensa e crítica nacionais e internacionais. Os planos futuros começam a desdobrar-se no lançamento do seu álbum, com o adiantamento de singles como *Pó de Palco*, *A Pique C'est Chique*, *9.99* e *Ai quem me dera*, que iniciam uma nova jornada na carreira de Beatriz Pessoa e a consolidam como uma das artistas mais polivalentes da atualidade.

RÚBEN DA LUZ

Trombonista *freelancer*, artista Yamaha Europe, vencedor do Prémio Jovens Músicos, com colaborações nas orquestras Gulbenkian, Régie do Porto e Clássica da Madeira.

Numa vertente pop, jazz e estúdio, trabalhou com Lenine, Zeca Baleiro, Tito Paris, Waldemar Bastos, Jorge Palma, Ala dos Namorados, The Postcard Brass Band, Rui Veloso, Sérgio Godinho, Deolinda, Uxu Kalhus, Paulo de Carvalho, Agir, Fernando Tordo, Salvador Sobral, Marisa Monte, Áurea, Maria Schneider, Django Bates, Kurt Elling, Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal, L. U. M. E., Orquestra de Jazz de Matosinhos, Zé Eduardo, Mário Delgado, Bob Stewart, John Ellis, Perico Sambeat, Luis Bonilla, David Taylor, Marshall Gilkes, Jon Faddis, Robin Eubanks, Bart van Lier, Nelson Cascais, Orquestra de Jazz de Leiria, Orquestra de Jazz da Nazaré, etc. Enquanto músico de estúdio, tem créditos em cerca de 100 discos.

TOMÁS MARQUES

Tomás Marques, natural de Estarreja, é saxofonista. Iniciou os seus estudos musicais aos 3 anos na Banda de Música de Loureiro e ingressou, aos 10 anos, no Conservatório de Música de Aveiro, onde desenvolveu a sua formação até concluir a licenciatura em Jazz na Escola Superior de Música de Lisboa. Para além do seu próprio projeto, integra vários projetos de jazz, destacando-se a Orquestra do Hot Clube de Portugal, com a qual tem vindo a tocar e a colaborar com alguns dos mais relevantes nomes do panorama jazzístico português, como Maria João e Mário Laginha, bem como com figuras internacionais como Joe Lovano, Miguel Zenón, Perico Sambeat e Julian Argüelles. Paralelamente à sua atividade como instrumentista, desenvolve um trabalho contínuo como arranjador,

produtor, compositor e professor, áreas que complementam e alargam a sua prática artística, colaborando com diversos artistas e projetos em contextos criativos e pedagógicos. Foi distinguido com o Prémio Jovens Músicos – Jazz Combo (1.º Lugar), Artista Revelação pela RTP/Festa do Jazz e Músico Revelação do Ano pela JazzLogical.

JOÃO PEREIRA

Nascido em Lisboa, João é baterista e improvisador presente numa miríade de estilos e contextos criativos. Ao longo dos anos, toca e grava com Mário Laginha, Jacob Sacks, Sara Serpa, Bill McHenry, Masa Kamaguchi, John O’Gallagher, Enrique Oliver, Miguel Moreira, João Carreiro, Mariana Dionísio, Michael Formanek, André Fernandes, Akiko Pavolka, Norberto Lobo, Filipe Melo, Yaw Tembe, Paula Diogo, João Almeida, e nas bandas ¡GOLPE!, TRACAPANGÃ, Pororó, Peachfuzz, Practically Married, Ricardo Toscano Trio, Lucifécit e La Perrera. É membro fundador da editora, promotora e coletivo Robalo.

GUSTAVO ALMEIDA (GUSS)

Músico, compositor, produtor português, nascido em 1994, é sobretudo especialista em escrever sobre si próprio na terceira pessoa. Demonstrou cedo gosto pela música, tendo tido bandas e projetos musicais que o levaram a participar no Festival da Canção Júnior (2006 e 2007). Manteve a vontade e a paixão em fazer vida da música e continuou autodidata, comprando livros e frequentando *masterclasses*. Lançou o seu primeiro álbum de originais, com apenas 15

anos (produção de Fernando Martins). Estudou Som e Produção Musical na RESTART e animação tradicional com Bill Plympton. Em 2020, participou, a convite de António Pinho e Luiz Caracol, no Festival da Canção e daí em diante continuou a trabalhar para o programa como criador de conteúdos de *ledwall*. O seu gosto eclético levou-o a colaborar com músicos e bandas de diversos estilos musicais, do jazz ao metal, do folk à eletrónica, do funaná ao pop. Trabalhou com Bakithi Kumalo (baixista de Paul Simon). É cocriador de inúmeros *jingles* publicitários para a produtora/estúdio BARULHO e colabora em vários projetos (The Black Mamba, Bateu Matou, Beatriz Pessoa, IOLANDA, Luiz Caracol, Edmundo Inácio, Tatanka, INSVLA, entre outros), como produtor, compositor, ou como músico (em estúdio e ao vivo), algo que lhe tem permitido tocar ao redor do globo, do clube mais pequeno à sala mais emblemática – sempre com a mesma entrega e alegria.

RAQUEL PIMPÃO

Raquel Pimpão (1995) é pianista, compositora e cantautora sediada em Lisboa. Licenciada em Piano Jazz pela Escola Superior de Música de Lisboa e com mestrado em Composição Jazz pelo Syddansk Musikkonservatorium (Dinamarca), trabalha como teclista e colaboradora em diferentes projetos musicais. Atualmente, integra os projetos de Margarida Campelo, Beatriz Pessoa e Benjamim, Mantis e Verdelindo, mantendo também o seu projeto a solo, Femme Falafel.

GUI CALEGARI

Dedica-se às práticas sonoras e performativas no encontro com pessoas de muitas idades. Vivenciar transversalidades nas artes e educação é a sua proposta, a partir das experiências artísticas ampliadas pela licenciatura em Artes Cénicas (UFU-Brasil) e pelo mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão (ESE-IPS). Arte-educador, multi-instrumentista, criador sonoro e *performer*, trabalha, desde 2010, com educação e, desde 2004, com artes performativas. Cofundador da Baileia e integrante do c.e.m. centro-em-movimento.

ALÉXIS TRINDADE

Atualmente, Aléxis Trindade exerce funções de facilitador e coordenador do projeto de Filosofia para Crianças, numa instituição de ensino privado, bem como de docente e coordenador do projeto de Cidadania e Desenvolvimento – Prática Filosófica.

CATARINA OLIVEIRA

Catarina Oliveira é *Head of Academy* na Access Lab, onde desenvolve e dinamiza projetos de formação na área da inclusão e acessibilidade. É nutricionista, com formação em Estudos da Deficiência, e embaixadora da Associação Salvador. Criadora do projeto Espécie Rara Sobre Rodas, utiliza as redes sociais para desmistificar a deficiência e promover uma sociedade mais inclusiva, através de uma comunicação que cruza humor e reflexão.

DINA MENDONÇA (PH.D. 2003)

Professora Auxiliar de Educação (Filosofia da Educação) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da NOVA FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Tem participado em vários projetos na área da Filosofia para Crianças, trabalhando na divulgação, formação, conceção e experimentação de material pedagógico original. Representa a NOVA FCSH no projeto Erasmus + EACH – *Early Childhood and Sustainable Citizenship Routes in the Digital Era*.

DORI NIGRO

Dori Nigro é criador, *performer*, arte-educador e investigador. Desde 2007, desenvolve práticas artísticas interdisciplinares ligadas a temas sociais como memória, ancestralidade, racismo e educação. Vive e atua entre Portugal e o Brasil, dinamizando projetos colaborativos com artistas e comunidades. Com Paulo Pinto, cuida da LARoyê e integra a União Negra das Artes (UNA).

ELISABETE PAIVA

Elisabete Paiva é programadora de artes performativas. Atualmente, é doutoranda em Estudos Artísticos – Arte e Mediações na NOVA FCSH, em Lisboa, onde investiga sobre a dimensão política da programação cultural, e colabora regularmente com várias entidades como professora e formadora. Foi Diretora Artística da Materiais Diversos e curadora do Fórum Atos 2025, no âmbito do Programa ATOS/TNDM II. Coordenou e programou o Serviço Educativo d’A Oficina e concebeu e dirigiu o Serviço Educativo de

Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

TOMÁS MAGALHÃES CARNEIRO

Tomás Magalhães Carneiro nasceu em Évora, em 1977, e vive no Porto, desde 1978. Foi carteiro e estudou Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde concluiu uma pós-graduação em Filosofia Moderna e Contemporânea. Em 2008, fundou o Clube Filosófico do Porto, uma associação informal dedicada à promoção da Filosofia. Pública através de cafés filosóficos, debates e diálogos socráticos. É professor de Filosofia com Crianças, dinamizando o projeto Jovens Filósofos em mais de 30 escolas e colégios no Norte do país (Porto, Gaia, Viseu e Lousada). Considera-se um bom filósofo amador e um medíocre tenista amador. As coisas equilibram-se.

DORA BATALIM SOTTOMAYOR

Dora Batalim Sotomayor conta com mais de 25 anos de experiência nas áreas da literatura infantil, pedagogia e mediação das artes, desempenhando funções de programadora, criadora, mediadora e consultora para entidades culturais. É professora universitária em licenciaturas e mestrados de Educação e foi criadora e docente da pós-graduação em Livro Infantil da Universidade Católica de Lisboa. Fez parte da equipa do Serviço Educativo do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e colabora regularmente com várias instituições culturais, desenvolvendo atividades artístico-pedagógicas para públicos infantojuvenis e adultos. Faz parte

da rede de especialistas da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, do PNL, do Observatório de Leitura de Pombal, do IBBY-Portugal e integra a equipa do Instituto Emília, no Brasil. É frequentemente jurada de concursos ligados aos livros e à literatura infantil, nomeadamente o Prémio Nacional de Ilustração, e foi curadora da coleção de livros infantojuvenis da Assembleia da República *Missão: Democracia*. Traduz e revê livros para crianças, cria e adapta materiais pedagógicos. Faz consultoria editorial e na área da mediação da leitura e das artes para diversas entidades de pedagogia e cultura. Ao longo da carreira, tem trabalhado a mediação com públicos muito diversos, sempre com foco nos livros e nas artes como formas de relação, identidade e expressão.

SARA LUDOVICO

Nasceu em Lisboa e formou-se em Estudos Portugueses, com a perspetiva de ler (e estudar) muitos e bons livros. Logo de seguida, fez também o mestrado na mesma área, onde leu (e estudou) outros tantos bons livros. Trabalhou nas áreas da promoção da leitura e da divulgação dos autores portugueses no estrangeiro. Foi durante muitos anos leitora de português do Instituto Camões, em Itália e na Tailândia. Entre outras coisas, fez investigação e uma pós-graduação em edição e revisão de texto. Ao longo dos anos, dedicou-se também à tradução de autores como Pirandello, Claudio Magris, Giorgio Bassani, Leonora Carrington, entre outros. Concebeu o projeto *Missão: Democracia*, das Edições Assembleia da República, estando a seu cargo a

coordenação editorial da coleção e o seu desdobramento num projeto cultural. Atualmente, é diretora de serviços do livro na Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas.

ISABEL COSTA

Isabel Costa é atriz e encenadora. Trabalha em teatro, cinema e em curadoria de artes performativas. Faz parte do coletivo Os Possessos desde 2014. Em 2019, dirige as criações *Maratona de Manifestos e Salão Para o Século XXI*. Em 2023, dirige o espetáculo *Som e Fúria*, no TBA, e o espetáculo *Manifestos Para Depois do Fim do Mundo*, na Culturgest, uma produção d'Os Possessos. Em 2024, é selecionada para o Festival FastForward, na Alemanha. Em 2025, encena, com Catarina Rôlo Salgueiro, o espetáculo *Burn Burn Burn*, uma produção Culturgest e Os Possessos.

MIGUEL NICOLAU

Miguel Nicolau é músico e produtor musical. Desenvolve a sua prática profissional na interseção entre criação artística, produção discográfica e dramaturgia sonora para cinema e artes performativas. É fundador do projeto Memória de Peixe. Apresentou-se em festivais como Primavera Sound, Eurosonic e Liverpool Sound City. Enquanto produtor musical, colaborou com JP Simões, Kimi Djabaté, Lisa Sereno, Da Chick, Monday e Golden Slumbers. A sua prática nestes domínios privilegia o som enquanto elemento dramático, conceptual e visual. Para além da música, tem experiência como realizador e editor.

VASCO BARROSO

Vasco Barroso (Barreiro, 1994) inicia a carreira como ator profissional em 2022. Em teatro, tem colaborado com companhias como Crianças Loucas, Escola de Mulheres, Teatro Experimental de Cascais, Os Possessos, Formiga Atómica, Retorno Contínuo, O Bando, Palco13, Filho do Meio e CCB/Fábrica das Artes. Em 2025, foi selecionado pelo TNDMII e pelo TAGV para a École des Maîtres, sob a direção de Amir Reza Koohestani.

CLARA BEVILAQUA

Clara Bevilaqua é artista-educadora. Dedicou-se aos estudos do corpo no encontro com pessoas desde os seus primeiros anos de vida. Integra a Baileia e o c.e.m - centro em movimento. É cocriadora, com Gui Calegari, da Baileia, núcleo de investigação artística, criação, mediação e formação. Mestre em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão (ESE-IPS) e licenciada em Teatro (UFU-Brasil), trabalha como intérprete, bailarina, educadora, criadora e mediadora cultural.

JOSÉ LEITE

José Leite (1990) é licenciado em Teatro (Ramo Atores) pela Escola Superior de Teatro e Cinema e especialista em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Concluiu ainda formação em Interpretação no Balletteatro Contemporâneo do Porto. Trabalhou com diversos encenadores e realizadores. Desde 2014, é ator e produtor no Teatro do Eléctrico, destacando-se como criador dos espetáculos:

Quem és tu?, Democracia Portátil, O que há depois do mar?, A Extraordinária Memória de Elefante e Manual de Sobrevivência para o Futuro.

NUNO CINTRÃO

Guitarrista, compositor, artista multidisciplinar, dedica-se à experimentação e construção de objetos sonoros e à criação de espetáculos a solo e colaborativos, explorando diálogos e pontos de contacto entre diferentes formas de expressão artística. Compõe desde 2010 para teatro, vídeo e dança. Cria e dinamiza regularmente *workshops*, formações e espetáculos em parceria com Centro Cultural de Belém, Fundação Calouste Gulbenkian, Associação Portuguesa de Música nos Hospitais, Operação Nariz Vermelho, Festival de Teatro de Almada, Orquestra Geração, APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical, Escola Superior de Educação de Lisboa, entre outros. Como guitarrista, acompanhou Teresa Salgueiro na digressão do disco *Horizonte* e formou o duo José Peixoto, com o qual lançou o recente o disco *Visita-Diálogo com Carlos Paredes*, com o apoio da Antena 1. Para além de Portugal, teve a oportunidade de apresentar os seus projetos na Bélgica, Hungria, Alemanha, Itália, Espanha, Brasil, Macau, Cabo Verde e Angola.

RACHEL CAIANO

Rachel Caiano, artista plástica e ilustradora, com formação em artes do palco, tem vindo a desenvolver projetos nas áreas da pintura, cenografia e ilustração. O seu livro *Coração de Pássaro* obteve uma Menção Especial de Poesia nos Bologna Ragazzi Award 2022; o livro *E se fôssemos a votos?*, uma menção especial do Prémio Nacional de Ilustração. Muitos dos seus livros fazem parte das listas do Plano Nacional de Leitura. Ilustrou mais de 30 obras de diferentes géneros publicados em Portugal, Brasil, Espanha e Angola. Promove *workshops* e *masterclasses* de ilustração e educação pela arte em escolas e bibliotecas.



**SUBSCREVA A
NEWSLETTER CCB**

TODAS AS EMOÇÕES EM PRIMEIRA MÃO

ccb.pt/newsletter



PROJETO CRIADO NO ÂMBITO DA PARCERIA ENTRE O
CCB/FÁBRICA DAS ARTES E A ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



Fábrica
das Artes



APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA EDUCATIVA

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

SONY

El Corte Inglés

sociedade
**ponto
verde**



Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao